

IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA – UM DEPOIMENTO

SESSÃO TEMÁTICA:
**CARLOS NELSON FERREIRA DOS SANTOS:
PENSAMENTO E REFERÊNCIAS**

Coordenadora Maria de Lourdes Costa

Autor: Lelia Mendes de Vasconcellos

Universidade Federal Fluminense
lemv@uol.com.br

Endereço: Rua Professor Saldanha nº 154 aptº 101 CEP 22461-220 Rio de Janeiro RJ
Telefone: 21 22663961 ou 21 996065662
Filiação profissional: CAU A78504-0 expedição em 18/03/2013

CURRICULUM VITAE RESUMIDO

LELIA MENDES DE VASCONCELLOS

Arquiteta Urbanista, formada pela FAU-UFRJ. Mestre em Desenho Urbano, Oxford Brookes, Inglaterra. Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP. Docente e pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ. Participante dos grupos de Pesquisa Patrimônio Urbano e Transformação, Intervenção e Gestão do Território no mesmo programa de Pós Graduação. Possui trabalhos publicados em anais de congressos e seminários e em capítulos de livros nas áreas de arquitetura e urbanismo. Atua como profissional autônoma em consultoria nas áreas planejamento urbano e regional e projetos de urbanismo.

Contatos:

Endereço residencial: Rua Professor Saldanha nº 154 aptº101

CEP 22461-220 Rio de Janeiro RJ

Telefones: 21- 22663961 ou 21 996065662

ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA – UM DEPOIMENTO

RESUMO

Carlos Nelson nos deixou um legado importante e atual. Como pesquisador, palestrante e autor de artigos, documentos e livros, sempre demonstrou uma simplicidade e clareza pouco comum aos terrenos acadêmico e empresarial. Sua formação como arquiteto urbanista (1966) foi complementada com estudos em antropologia na década de 1970. Possivelmente tal aprofundamento trouxe uma reflexão mais ampla dos resultados de sua prática urbana, em especial a relacionada com a habitação para os menos favorecidos. Fez parte de uma equipe cujo trabalho voltou-se principalmente para a urbanização de favelas no Rio de Janeiro. Tal feito, ainda na década de 1960, contrariava todos os discursos oficiais. Na década de 1970 passou a ser chefe do Centro de Estudos e Pesquisas Urbanas do Instituto Brasileiro de Administração Municipal (CPU/IBAM). Em 1975 tornou-se docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (UFF). Este depoimento pretende mostrar como sua atuação sempre relacionou a prática profissional com as teorias, estas últimas jamais desligadas da realidade. O relato de sua atuação como docente na UFF deverá ser o fio condutor deste texto. É impossível, porém deixar de relacionar algumas publicações resultantes de sua experiência enquanto profissional e pesquisador, uma vez que estas sempre foram pauta de reflexões teóricas. Tais publicações serviram muitas vezes como base para discussões em sala de aula, as quais por sua vez, geravam novas reflexões. Destaca-se ainda a prática de campo como exercício didático.

Participante como colega docente na UFF e como arquiteta urbanista junto ao CPU/IBAM, tive a oportunidade de colaborar, apreciar e aprender um pouco dessa “prática teórica”. A atualidade de seus conceitos e práticas justifica este e outros depoimentos que deverão formar a presente sessão.

Palavras-chave: Teoria e prática, interdisciplinaridade, UFF, IBAM

BETWEEN THEORY AND PRACTICE: A TESTIMONY

SUMMARY

Carlos Nelson left us an important and current legacy. As a researcher, lecturer and author of articles, paper and books, had always demonstrated a simple and clarity not very usual in both academic and enterprise fields. His training as architect and urban planner (1966) was complemented with anthropology studies in the 1970s. Such deepening had probably brought to him a broader reflection of the results in its urban practice, specially related to housing for poor people. He was part of a team whose work has mainly dealt with urbanization of “favelas” in Rio de Janeiro. This kind of proceeding in the 1960s contradicted the entire official speech’s program. In the 1970s he became head of the Center of Studies an Urban Research of the Brazilian Institute of Municipal Administration (CPU/IBAM). In 1975 he became professor of the Department of Architecture and Urbanism of the Federal Fluminense University (UFF).

This testimony aims to show how his professional practice activities were always related to theories, the latter never disconnected from reality. The account of his activities as a teacher at UFF should be the leitmotif of this text. Nevertheless it is impossible to miss some publications resulting from his experience as a professional and researcher, once these have always been the agenda of theoretical reflections. Such publications often were used as themes for discussions in classroom, which in turn generated new thinking. It also highlights the field practice as teaching exercise. As a teacher colleague at UFF and as urban planner at CPU/IBAM, I had the opportunity to collaborate, enjoy and learn a little of this “theoretical practice”. His current concepts and practices justify this and other testimonies which are to form the present session.

Keywords: Theory and practice, interdisciplinary, UFF, IBAM

ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA – UM DEPOIMENTO

1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A partir da década de 1960 é possível identificar uma crise de paradigmas quanto aos preceitos do urbanismo moderno em países europeus, nas Américas e em geral todo o planeta. As recomendações da Carta de Atenas parecem ruir por terra com os primeiros projetos das “New Towns”, surgidos pela devastação da II Guerra Mundial. Algumas vezes passaram a se levantar, questionando os dogmas puristas de separações de funções da cidade e do zoneamento rígido que em geral determinavam os projetos para novas cidades e capitais, estas últimas representadas, entre outros muitos exemplos, pela nova capital federal do Brasil - Brasília e Chandigarh na Índia.

Estas vezes nem sempre surgiam a partir dos arquitetos, mas de outros profissionais, como geógrafos, antropólogos, e outros profissionais relacionados principalmente aos campos das ciências sociais. No E.U.A. Jane Jacobs, em Nova York passou a questionar as reformas propostas por Hebert Moses para esta cidade. Um grande elenco de autores de diversos campos passaram a alimentar a crítica urbana aos resultados advindos desses os projetos modernistas realizados no pós-guerra, abrindo novas perspectivas de reflexão.

No Brasil, com o crescimento das áreas urbanas o campo do planejamento urbano e regional passou a ganhar força. Ainda na década de 1960 registram-se a criação de órgãos públicos como o SERPHAU (Serviço Federal de Habitação e Urbanismo e o BNH (Banco Nacional de Habitação) e outros órgãos voltados para a habitação de “interesse social”. Foram criadas as COHABs (Companhias de Habitação) e suas correspondentes companhias estaduais (CEHABs). Crescem também as demandas para planos diretores locais e/ou regionais. É dentro desse contexto que se pretende analisar a produção de Carlos Nelson.

2. O ARQUITETO URBANISTA E ANTROPÓLOGO: ENTRE A PRÁTICA E A TEORIA

A formação de Carlos Nelson Ferreira dos Santos deu-se na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, finalizada em 1966. Um de seus primeiros trabalhos enquanto profissional foi a urbanização das favelas de Brás de Pina e Morro Azul, como

membro integrante de uma equipe¹ a qual enfrentou um desafio singular para a época; enquanto as políticas habitacionais eram dirigidas para a erradicação desse tipo de ocupação e da remoção de seus moradores, o trabalho realizado foi orientado para assentar a população no seu local de origem.

É possível afirmar que a trajetória profissional de Carlos Nelson tenha sido iniciada por esse trabalho e o motivado a ampliar sua formação no campo das ciências sociais. Em 1968 frequentou enquanto ouvinte um curso de antropologia e posteriormente, na década de 1970 o mestrado nessa área. O contato com moradores, a vivência de novas realidades e uma enorme dificuldade em enfrentar o discurso oficial para as políticas de habitação aos menos favorecidos justifica esta aproximação. O relato dessa experiência foi desenvolvido na sua tese de mestrado, editada no livro “Movimentos Sociais Urbanos”. Em sua introdução, ele diz: ...”*Escrevo na dupla qualidade de urbanista e antropólogo social. Como antropólogo, vou me utilizar de casos em que atuei como urbanista*” (SANTOS, C.N.F., 1981, p.12).

Esta afirmação sugere uma linha de trabalho cuja característica principal é o constante entrelaçamento entre a prática no campo do urbanismo e a reflexão teórica nos diferentes campos das ciências sociais, inclusive os da arquitetura e urbanismo. Nesse sentido, é interessante destacar algumas destas “interloquções” entre as práticas (as quais passou a supervisionar como chefe do Centro de Pesquisas Urbanas (CPU) do Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM), a partir da década de 1970 e a sala de aula, como docente da Universidade Federal Fluminense (UFF). Ao que parece, uma passou a alimentar a outra.

Sua experiência como professor não se limitou à UFF. Ele foi palestrante e conferencista em inúmeras apresentações realizadas em eventos, congressos, sindicatos, institutos e outros cursos. O presente artigo dirige-se principalmente à sua atuação como docente da referida universidade. Contudo é relevante mencionar alguns dos projetos realizados no IBAM, bem como alguns textos editados em livros, artigos e demais publicações, os quais evidenciaram sempre esta prática teórica, muitos deles ainda lidos e explorados enquanto material didático.

3. ATUAÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

¹ Equipe formada pelos arquitetos Carlos Nelson Ferreira dos Santos, Silvia Wanderley, Rogério Aroeira Neves, Sueli Azevedo, que posteriormente constituíram a QUADRA; entre outros profissionais também trabalharam Gilda Blank, Osvaldo Nazaré, Teresa Amorim, Zilda Maria dos Santos

Sua carreira como docente do curso de Arquitetura e Urbanismo junto à universidade teve início em 1975. Uma crise ocorrida pela saída de vários de professores demandou a vinda de outros docentes, inclusive a de Carlos Nelson, como professor de Teoria da Arquitetura. É difícil afirmar sem isenção quando e como se deu a transformação do curso de arquitetura e urbanismo na UFF, pois fatos ligados à minha experiência pessoal com o autor, ora discutido, podem diferir da percepção de vários colegas. Assim sendo, permito-me colocar este relato na primeira pessoa.

Também ingressei como docente em 1975 na área de Projeto de Arquitetura e posteriormente nas disciplinas de Teoria de Arquitetura. Fui também coordenadora do curso, o que me levou a experimentar não só a prática didática como administrativa. Esta última contribuiu para uma maior compreensão do todo, para perceber melhor os entraves, burocracias e deformações do currículo, surgido de um programa elaborado principalmente pelos professores engenheiros, uma vez que o curso era em sua origem um único departamento da Escola de Engenharia. A presença de Carlos Nelson e de vários outros colegas serviu para dar um passo inicial às sucessivas transformações do curso.

As ferrenhas discussões ocorridas nas reuniões departamentais ajudaram a fomentar em todos nós um amadurecimento em relação ao curso. Apesar de nesta época estarmos em pleno regime militar, a participação dos docentes e discentes era significativa. Hoje, tantas décadas passadas, constato que eventuais brigas, rivalidades, contradições ocorridas, só contribuíram para uma aproximação entre colegas e estudantes. Carlos Nelson, apesar de ter um horário limitado, pois já exercia a função de chefe de Centro de Estudos e Pesquisas Urbanas (CPU) no IBAM, nunca deixou de participar dessas reuniões onde se discutiam desde assuntos administrativos até as proposições relativas a um melhor encadeamento e reestruturação do currículo e do funcionamento do curso.

Foram dessas discussões, mais do que as burocráticas reuniões de colegiado do curso, o qual era representado por alguns docentes do nosso departamento e de representantes de outros os quais também ofereciam disciplinas, que atribuo certo avanço do curso, sem é claro, deixar de admitir uma constante transformação até os dias de hoje.

Para melhor especificar a participação de Carlos Nelson junto à UFF, disponho as várias atividades que participou.

3.1. COMO PROFESSOR DE TEORIA DE ARQUITETURA

Havia uma premissa de que duas linhas de disciplinas deveriam ser correlacionadas: a de Teoria e a de Projeto de Arquitetura. A princípio, essa inter-relação era informal, apenas

acordada entre os professores (mais adiante, com as alterações do currículo, elas se tornariam obrigatórias).

Sem mesmo ter dialogado especificamente com Carlos Nelson, constatei a primeira experiência positiva deste inter-relacionamento. Como tema de Projeto², apresentamos um centro comunitário, localizado na Ilha da Conceição (bairro da zona Norte de Niterói). O que havíamos fornecido aos alunos era um programa mínimo, além do local e de pequenas orientações genéricas para um primeiro reconhecimento. Mas esses mesmos alunos estavam tendo aulas com Carlos Nelson, o qual os orientou para irem a campo e praticarem um exercício. Ele havia proposto aos estudantes uma metodologia hoje extremamente conhecida – a de um mapeamento da área através da identificação dos cinco elementos estruturadores da imagem urbana da área, metodologia formulada por Kevin Lynch em seu livro “A imagem da cidade”³. Os alunos trouxeram para a disciplina de projeto os resultados obtidos na área de estudo, o que muito auxiliou na elaboração do tema proposto.

Dava-se início assim a uma prática que foi se desenvolvendo em outras temáticas como a de habitações para usos coletivos e da habitação de interesse social, tema esse bastante explorado no elenco disciplinar do currículo, pois vários docentes estavam familiarizados com o mesmo⁴.

A introdução de textos de diferentes autores para as disciplinas teóricas foi também enriquecida pela presença de Carlos Nelson, não sendo ele, é claro, o único professor a adotar esta prática. O que seria possível ressaltar na experiência didática junto ao curso era seu rigor em discutir esses textos e sua capacidade de desenvolver junto aos estudantes a reflexão. Além disso, ressalta-se o carisma de seu discurso, o qual fazia com que os mesmos estudantes ficassem motivados a ponto de enfrentarem sem preguiça as aulas em horários noturnos ou aos sábados às sete horas da manhã; para não falar das inúmeras idas a campo para conhecer os lugares onde os projetos a serem desenvolvidos eram propostos, bem como aprenderem a lidar com os moradores e a identificar as dificuldades implícitas em cada situação.

3.2 O SETOR DE TEORIZAÇÃO

Como éramos apenas um departamento, carecíamos de certo aprofundamento quanto aos conteúdos ministrados. Resolveu-se dividir (ainda que informalmente) o curso em três diferentes setores: o de Projeto, o de Teorização e o de Planejamento Urbano. Como havia

² A disciplina era dada com a professora Zilda Maria dos Santos, também ingressa ao quadro docente nesse período

³ LYNCH, K. “The image of the city”. Massachusetts Institute of Technology, (MIT)1977

⁴ Era grande o elenco de professores ingressos na universidade neste período que também trabalhavam em órgãos governamentais ligados à habitação como as COHABs , BNH e outros

passado a ministrar aulas de Teoria da Arquitetura, passei ao setor de Teorização, tendo Carlos Nelson como coordenador do mesmo. Formamos um grupo de estudos onde líamos e discutíamos autores não só do campo da arquitetura e urbanismo como também de áreas ligadas as ciência sociais. Tais textos, além de enriquecer nosso conhecimento, eram passados para as salas de aula nas várias disciplinas teóricas.

3.3. CRIAÇÃO DE NOVAS DISCIPLINAS TEÓRICAS

Fui coordenadora de curso entre 1976 e 1979. Tive de implantar um novo currículo, parcialmente discutido entre os professores do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, mas contando ainda com inúmeras deformações do currículo original. Para implantar novas disciplinas era preciso fazer uma equivalência de créditos com a mesma carga horária para a devida substituição⁵. Entre estas, menciono duas: as de Métodos de Pesquisa em Sociedade Urbana e Organização e Método do Trabalho Intelectual, (ou mais conhecido por OMTI)⁶. A interpretação do ementário foi analisada em departamento, mas foi graças à sugestão de Carlos Nelson que pudemos contar com a contribuição de docentes de outra formação e assim as disciplinas puderam ser criadas.

3.4 ESTRATÉGIAS PARA DISTRIBUIÇÃO DE DISCIPLINAS

Em julho de 1979 afastei-me da universidade para cursar o mestrado na Inglaterra. A titulação, com as novas normas instituídas, fazia com que os professores se empenhassem em obter títulos de pós-graduação. Ao retornar, em 1981, Carlos Nelson iniciara seu doutorado.

Novas regras foram estabelecidas para a distribuição de cargas horárias. Foi nessa ocasião que ele, ainda como coordenador do setor de Teorização, propôs que seus professores participassem simultaneamente nas quatro disciplinas de Teoria da Arquitetura, através de módulos, o que fez com que todos nós nos envolvêssemos nas várias temáticas, sempre associadas aos conteúdos das disciplinas de Projeto.

3,5 CONTRIBUIÇÕES AO CURRÍCULO E CRIAÇÃO DA ESCOLA DE ARQUITETURA E URBANISMO

⁵ Havia disciplinas da Escola de Engenharia, dos departamentos de Física e de Matemática que compunham o currículo do curso e que nada serviam à formação do arquiteto, pelo menos como eram ministradas pelos então respectivos professores; como exemplo, posso citar Mecânica dos Fluidos ou a de Cálculo Numérico. Como os professores responsáveis nunca se interessaram em dialogar com o curso de Arquitetura, tais disciplinas só contribuíam para reprovações em massa dos estudantes. Nesse novo currículo, a solução foi fazer uma equivalência de cargas horárias das antigas disciplinas, substituindo-as por novas, oferecidas pelo Departamento de Arquitetura

⁶ Entraram por seleção os professores Arno Vogel (antropólogo) e Maria Laís Pereira da Silva (socióloga); A professora M Laís permaneceu no quadro docente e hoje faz parte do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/UFF)

Ajustar, adequar e atualizar o currículo para a formação do arquiteto urbanista foi sempre uma constante em nossa universidade. Nas discussões ocorridas também se pode registrar a presença de Carlos Nelson, com proposições bastante originais. Infelizmente não disponho mais desse material para descrevê-lo e sua proposta, entre tantas outras, permaneceu no papel.

Em 1983 fui eleita como chefe de departamento e Carlos Nelson ficou na subchefia. Nessa ocasião, o então reitor Raimundo Romeu, solicitou a elaboração do projeto para a criação da Escola de Arquitetura e Urbanismo, oportunidade para nossa independência da Escola de Engenharia. Conteí mais uma vez com o precioso apoio de Carlos Nelson na elaboração desse projeto. Este foi pauta de várias discussões com professores, alunos e funcionários, os quais muito contribuíram também. Finalmente a escola foi criada em 1986.

4. INTEGRAÇÃO UFF/IBAM

Em 1981, ao regressar do meu mestrado, tive oportunidade de participar como técnica do Centro de Estudos e Pesquisas (CPU/IBAM) de alguns projetos. Ali pude melhor perceber através dos trabalhos realizados sob a supervisão de Carlos Nelson a relação entre teoria e prática urbana. Entre eles, destaco o projeto denominado “Alternativas Urbanísticas”. Este consistia em um módulo de pesquisa, seguido de um curso para técnicos municipais e por fim na elaboração de um manual. Os temas consistiam em um elenco de equipamentos urbanos (como o de mercados e feiras-livres; ou de terminais rodoviários) ou de infraestrutura como os de sistema viário e técnicas de pavimentação. Esses manuais eram orientados de forma a seguir uma redação simples, acompanhados de desenhos igualmente simples e diretos, para facilitar a leitura de leigos no assunto. Eram dirigidos para técnicos de municípios, mas serviram muitas vezes como material didático para os cursos de arquitetura e urbanismo.

Outro exemplo de projeto foi o da “Reabilitação Urbanística da Baixada Fluminense” (1986/1987), compreendida por municípios vizinhos e adjacentes ao do Rio de Janeiro. Esta região é extremamente populosa e na sua maioria carente de serviços de infraestrutura. O projeto consistia em uma proposta de saneamento que seria elaborada pela CEDAE (Companhia de Água e Esgoto do Estado do Rio de Janeiro), acompanhado por propostas de urbanização das áreas que receberiam o saneamento. Estas consistiam em pequenos relatórios acompanhados por desenhos que eram apresentados aos moradores. Estes desenhos teriam de ser igualmente simples, traduzidos em uma linguagem semelhante às de revistas em quadrinhos, para que fossem compreensíveis. Foi bem difícil chegar a esta simplificação, pois foi necessário deixar de lado nossos “vícios” de nossa formação profissional, acostumados à elaboração de uma linguagem gráfica sofisticada e pouco

compreensível aos moradores, nosso “público alvo”. Carlos Nelson fez a crítica de muitas tentativas que fizemos até acharmos um caminho que gerasse uma identificação com esse público. Mas as experiências apresentadas a eles foram finalmente bem sucedidas, o que mais uma vez comprovou a excelência de supervisão que tivemos.

Muitos outros projetos eram realizados simultaneamente no CPU/IBAM, projetos estes que contaram com outros docentes da UFF. E nossos estagiários eram trazidos em sua maioria da Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFF. Hoje, muitos deles são professores doutores da escola, constituindo um novo elenco.

4. COMENTÁRIOS SOBRE TEXTOS

Como já mencionado, Carlos Nelson também deixou um legado importante de artigos, livros e outras publicações. Procurei aqui fazer uma seleção de algumas. Esse material merece destaque pela peculiaridade sempre presente de associar teorias às experiências praticadas em diferentes contextos urbanos. Muitos servem até hoje como objeto de reflexão dos estudiosos da cidade além de constituírem um excelente material didático. As referências completas destas publicações estão listadas na bibliografia.

4.1 “O USO DO SOLO E O MUNICÍPIO”

Trata de um manual que pertence à coleção de “Textos de Administração Municipal”, editada pelo IBAM. Sua primeira edição foi feita em 1987, a terceira foi atualizada pelo arquiteto Alberto Costa Lopes (1970), também técnico do IBAM junto ao CPU.. O seu conteúdo poderia ser maçante, não fosse a forma como foi redigida e ilustrada. Ele explica em uma linguagem acessível a todos como se deu o processo de migração urbana; a noção do solo como propriedade; as relações com o planejamento urbano; assim vai até ilustrar e descrever os princípios básicos da legislação urbana e seus instrumentos normativos. Claro está que esse manual precisaria ser novamente atualizado. Mas a clareza de redação, elucidando o solo e sua atribuição de valores, da noção de propriedade da terra e seu caráter especulativo; das atribuições de cada esfera de poder (federal, estadual e municipal); e do caráter de cada instrumento normativo, – tudo isso elaborado de forma tão simples, que bastaria ajustar os dados para os dias atuais que seu texto e ilustrações estariam perfeitos.

Não havia me dado conta da utilidade desse manual não fossem dois fatos que presenciei. No primeiro, foi através de uma secretária do Departamento de Arquitetura da UFF. Ela recebeu a publicação para ser encaminhada à biblioteca, mas antes resolveu dar uma folheada. Algumas horas depois ela ainda estava lendo e comentou comigo como ela, sem ser arquiteta, estava entendendo tudo o que o manual dizia.

Outro exemplo ocorreu muitos anos depois: uma arquiteta, ex aluna nossa, cursando seu doutoramento, pediu-me esse manual emprestado, pois em sua tese ela discutia a relação do uso do solo com os transportes urbanos. Disse-me na ocasião que para ela, tratava-se da publicação que mais a elucidou sobre a questão. Dois exemplos, portanto bastante díspares: o primeiro de uma secretária, com certo nível de instrução, porém sem ter a formação de uma profissional na área; a outra, doutoranda, querendo a mesma publicação para ajudá-la na elaboração de sua tese. É possível que a mesma possa ter servido a uma sistematização sobre as principais noções sobre o uso do solo e transportes urbanos; e daí, ela pode desenvolver melhor suas preocupações com o seu tema de tese.

4.2 “QUANDO A RUA VIRA CASA”

Esse trabalho também foi desenvolvido no Centro de Pesquisas Urbanas (CPU) do IBAM, consistindo numa co-autoria com o antropólogo Arno Vogel. É resultado da pesquisa “Espaço Social e Lazer, Estudo Antropológico e Arquitetônico do Bairro do Catumbi”, patrocinado pela FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos). O bairro em questão situa-se na zona norte do Rio de Janeiro e fora semi destruído pela interceptação do viaduto de acesso de ligação do túnel Santa Bárbara à zona sul da cidade. O trabalho consiste principalmente na análise dos espaços coletivos do referido bairro. É uma abordagem antropológica, mas com certeza a união desse campo disciplinar com a arquitetura se faz presente. Uma equipe de arquitetos, antropólogos e uma socióloga trabalharam na área entrando em contato direto com os moradores e associações do bairro. A etnografia é acompanhada de desenhos, fotografias e mapas simplificados ilustrando o dia a dia do local. Em contraponto, foi estudado como “caso de controle” um conjunto habitacional de classe média na zona sul conhecido como “Selva de Pedra” – conjunto esse que ocupou o local de uma antiga favela, a “Praia do Pinto”.

Ocorreu-me mencionar essa publicação por um fato de cunho pessoal. Havia recém chegado do meu mestrado em “Urban Design”⁷, cuja tradução sempre foi polêmica, se literalmente colocada: a de Desenho Urbano. A escolha do curso se deu por considerar uma lacuna entre os projetos arquitetônicos de edifícios e /ou conjuntos edificados cuja integração com o espaço urbano era praticamente nula. Só se falava em planejamento urbano ou da arquitetura do edifício. A cidade como arquitetura (PORTAS, 1966) ou a arquitetura da cidade (ROSSI, 1961) eram elementos desconhecidos; trabalhava-se em escalas gigantescas, como 1:20 000 ou 1:50 000 ou até mais, sem nenhuma preocupação com o “desenho local”, com a vida dos moradores e seu cotidiano bem como suas conexões com a vida do restante da cidade.

⁷ O curso era oferecido pela então Oxford Polytechnic, (hoje Oxford Brookes University) no Joint Centre for Urban Design, Oxford, Grã Bretanha; o mestrado foi realizado entre 1979 e 1980

Foi nesse curso que tive oportunidade de tomar contato com autores como Jane Jacobs, Gordon Cullen, Kevin Lynch, com a escola italiana de Gregotti, Aldo Rossi e tantos outros. Muitos desses autores já eram do meu conhecimento através de leituras que fazia individualmente e as realizadas junto ao Grupo de Estudos do Setor de Teorização o qual participei. Mas não via como, trabalhando em escalas tão gigantescas na área de planejamento, entender o que se passava na escala da rua, dos espaços coletivos.

Minha surpresa foi grande, ao receber em meu retorno, das mãos de Carlos Nelson, uma publicação que falava e analisava a rua como espaço coletivo e seu contraponto: a casa. Fartamente ilustrada, esta publicação me trouxe de volta tudo que havia exercitado em Oxford, no “Joint Centre for Urban Design”. No IBAM foi uma possibilidade de exercer essa prática com os trabalhos já comentados, além de muitos outros que participei ou que corriam em paralelo.

4.3 SEMINÁRIOS DE DESENHO URBANO

Os dois primeiros seminários organizados por Benamy Turckienicz contaram com a presença de Carlos Nelson, não só como conferencista, mas como autor de textos publicados em 1984 e 1986, respectivamente. No primeiro, ele também fez a apresentação dos trabalhos editados. Neste intitulado “A forma da cidade – uma agenda para debate”, ele discutia a necessidade de fazer com que arquitetos e urbanistas voltassem a pensar na cidade em termos reais. Diz ele:

“... para que não se pensasse que acreditavam existir algum poder de suas lapiseiras, trataram de quebrá-las e jogá-las fora. Resultado: deixando de falar uma linguagem própria, aderiram ao sociologês, ao economês mais descompromissado, ao geográfês, ao antropologuês...” (SANTOS, C.N.F, 1984, P.5)

Mais adiante

... “Pela primeira vez na história do Brasil, há indícios de que surgem preocupações não apenas de estar no centro urbano, mas em ser alguém dentro dele...” (SANTOS, C.N.F, 1984, P.5)

Ou ainda

...” Já sabiam bem nossos antepassados portugueses que para enfrentar o oceano inteiro, basta lançar os primeiros barcos. Desenhemos as ruas, as esquinas, as redes de infra-estrutura, os bairros e as casas como for possível agora. Tenhamos coragem de formular as perguntas para ouvir as respostas...” (SANTOS, C.N.F, 1984, P.5)

Ainda do I SEDUR (Seminário de Desenho Urbano) – ele nos deixa um texto admirável: “Rio de Janeiro, o que transforma e em que é transformado” (1984), onde consegue trabalhar várias experiências vivenciadas em comunidades carentes, analisando entre estas os

espaços do Morro do Timbau, do Parque União, Maré e novamente do Catumbi, todos localizados na zona norte do Rio de Janeiro; e da antiga favela da Catacumba localizada em frente à Lagoa Rodrigo de Freitas, na zona sul da mesma cidade.

Esta última é pauta de uma análise da transformação espacial ocorrida. Esta ocupação foi um exemplo clássico de remoção. Carlos Nelson a conhecia bem. Observou como o núcleo central da favela, junto à Lagoa, passou a ser hoje a entrada de um parque: o da Catacumba. Todo o espaço antes ocupado pela comunidade é hoje preenchido por esse grande conjunto florestal; enquanto ao redor, cresceram enormes prédios residenciais, condomínios de alto luxo. Onde antes era um vazio, tornou-se cheio – onde era espaço ocupado, tornou-se um vazio verde. No final desse texto, ele resume: “... *nas cidades o espaço fala. Cheios e vazios, edificações e logradouros, público e privado armam frases*” (p. 115, op.cit.). Ou ainda: “*Pensar nas cidades e no que revelam a partir de suas formas é ser MORFO-lógico*” (p.116, op.cit.).

É nesse texto ainda que é possível verificar o entrelaçamento entre as experiências em sala de aula: conta como seus estudantes visitaram diferentes espaços localizados em ocupações carentes, o espaço dos pobres: um, de um conjunto habitacional e outro de um barraco de favela. Ambos escapavam da “lógica” de habitar, dentro de nossa realidade burguesa. E tece considerações sobre as formas de habitar, de significar em diferentes espaços. Muito mais poderia ser dito sobre este artigo, mas devido à limitação do espaço, restrinjo-me a esses comentários.

No segundo SEDUR, Carlos Nelson publica o artigo “A cidade como se fosse um jogo de cartas” (SANTOS, C.N.F.dos, 1986, p. 26 a 33), artigo esse que parece ser um ensaio para “A cidade como um jogo de Cartas”, publicado posteriormente em livro. Esta publicação é resultado da tese do seu concurso para professor titular na UFF. Trata de um projeto também realizado no IBAM e será comentado a seguir.

4.4 “A CIDADE COMO UM JOGO DE CARTAS”

O Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM) foi solicitado a desenvolver um projeto para seis novas cidades no então Território de Roraima. Era um novo desafio para ele e para a equipe a qual supervisionou no CPU. Pela primeira vez estava-se lidando com uma situação inteiramente nova, começando do ponto zero, de um território virgem.

A comparação da cidade como um jogo de cartas, onde o tabuleiro seria o seu suporte físico é um aporte original e feliz. Cartas e naipes se agrupariam como atores desse jogo: os atores da cena urbana: governo, empresa, população, com suas funções estabelecidas por normas. Com essa metáfora, o autor tece considerações teóricas, primeiro sobre o que ele chama de “jogos de poder”, das apropriações indevidas da terra e da expulsão sistemática

dos pobres nesse jogo. Depois passa a discorrer sobre as propostas urbanísticas recentes, criticando muitas vezes os princípios que a embasaram (em especial, com referência aos capítulos “As cidades como foram sendo em todo o mundo” (p.31 a 38) e “As cidades como puderam ser no Brasil” (p.39 a 48)). Após um capítulo introdutório o qual sugere a sua teoria da cidade como um jogo, passa a definir o território de projeto; as diretrizes gerais em termos de uma estrutura urbana; a proposta de parcelamento do solo; da infraestrutura; dos equipamentos e dos serviços urbanos; da legislação pertinente e da questão fundiária. Todos os capítulos constam de ilustrações e desenhos explicativos.

Lendo assim, pode parecer aos arquitetos urbanistas uma coisa óbvia. Claro, qualquer plano diretor, qualquer projeto para uma nova cidade contemplaria esse elenco de questões. Mas está implícito um discurso conceitual; o autor se debruça em um tipo de desenho da estrutura urbana: defende o princípio da grelha na composição das vias; define o que é rua, lote, quarteirão; sugere arranjos de ocupação. Analisa a centralidade: “... *Para o centro, todos se dirigem para trocar não apenas mercadorias, mas também concepções e maneiras de ser e viver...*” (p.52). Ousa desenhar a cidade...

Ele e sua equipe produziram um trabalho que, se bem aproveitado, é também pedagógico. Quantas vezes esse livro não foi insumo para as salas de aula dos alunos de arquitetura e urbanismo?

Fazendo referência a Aldo van Eick

...”*apontar as estrelas antes que os foguetes partam*”... (p.15) o autor afirma: “*Aí está a verdadeira tarefa acadêmica: refazer uma área de domínio profissional, propondo novos conceitos, examinando os resultados do que antes era apresentado como verdade...*”(p.15, op.cit)

5. FINALIZANDO....

Ou não... Muito mais se poderia falar sobre seu trabalho, sua atuação como docente, como chefe de um centro de pesquisas, como pesquisador e pensador. Procurei destacar alguns pontos cuja finalidade foi testemunhar a constante prática, seguida de reflexão teórica, dando continuidade a novas práticas. Seu trabalho foi sempre de equipe, sua presença foi carismática, avançada em relação ao tempo.

Parafraseando um título de um de seus artigos: “Condomínios exclusivos – o que diria um arqueólogo?”⁸ – como seria Carlos Nelson nos dias de hoje?

Alguns avanços podem ser admitidos, entre eles uma mudança de mentalidade no tratamento de ocupações dos pobres. Não mais se admitem erradicações. Mas as remoções continuam acontecendo, apenas disfarçadas. Qualquer obra pública acaba por expulsar as classes menos favorecidas, seja com o pretexto de estarem ocupando “áreas de risco”, seja pelo processo de gentrificação.

Os espaços públicos, tão discutidos pelo autor, continuam surgindo, com tratamentos mais cuidadosos; com cuidados aparentemente mais humanizados. Mas as periferias, as favelas e outras formas de ocupação dos mais pobres continuam surgindo mais e mais. A população urbana cresceu consideravelmente. Hoje, no Brasil, quase 90%. Comenta-se muito sobre a fragmentação das cidades, mas as decisões do poder público, seja este local ou nacional, não parecem encontrar soluções.

Ele não viveu a enorme transformação dos meios de comunicação, dos avanços da tecnologia, da pressa decorrente destes, da incrível aceleração do tempo. De um mundo regido pelo dinheiro, pelo mercado, com uma desigualdade social cada vez mais implícita. Seria capaz de assimilar tais transformações e continuar produzindo propostas, artigos, dando conferências, ministrando aulas? Provavelmente sim, sua reflexão crítica estaria mais aguda. E talvez mais rápida. Como uma fênix, que renasce das cinzas a cada destruição.

Como colega na universidade, como participante de trabalhos por ele supervisionados junto ao IBAM, como amiga, enfim, tive sim, a oportunidade de compartilhar e aprender um pouco dessa “prática teórica” a qual sempre o acompanhou.

BIBLIOGRAFIA

Santos, Carlos Nelson Ferreira. *Movimentos Sociais Urbanos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981

Santos, Carlos Nelson F. & Vogel, Arno. *Quando a rua vira casa. A apropriação dos espaços de Uso Coletivo em um Centro de Bairro.*, Rio de Janeiro, IBAM/FINEP 1981

Santos, Carlos Nelson F. “Apresentação”. In: Benamy Turkienics, Geraldo Sá Nogueira Batista, Maurício Malta, Maria Silvia Barros Lorenzetti e Suely Mara Vaz Guimarães (coordenadores) *Desenho Urbano I*. Cadernos Brasileiros de Arquitetura vol. 12. Projeto Editores, São Paulo, 1984

Santos, Carlos Nelson F. “Rio de Janeiro, o que Transforma e em que é Transformado”. In: Benamy Turkienicz, Geraldo Sá Nogueira Batista, Maurício Malta, Maria Silvia Barros

⁸ Artigo publicado na revista RAM (Revista de Administração Municipal) n°160, pp.27-28

Lorenzetti e Suely Mara Vaz Guimarães (coordenadores) *Desenho Urbano I*. Cadernos Brasileiros de Arquitetura vol. 12. Projeto Editores. São Paulo, 1984

Santos, Carlos Nelson F. "A cidade como se fosse um jogos de cartas". In *Desenho Urbano*. Anais do II SEDUR, Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil, UNB . Benamy Turkienics (coord.) Benamy Turkienicz e Maurício Malta editores; co-edição CNPq/FINEP/PINI. Brasília, DF, 1986

Santos, Carlos Nelson F. *A cidade como um jogo de cartas*. Niterói: Universidade Federal Fluminense: EDUFF. Projeto Editores, São Paulo, 1988

Santos, Carlos Nelson F. dos. *O Uso do Solo e o Município*. Textos de Administração Municipal 2. Centro de Estudos e Pesquisas Urbanas do IBAM, 3ª edição, atualizado por Alberto Costa Lopes, Rio de Janeiro, 1990